

**HOMENAGEM A MARIA DO AMPARO TAVARES  
MALEVAL,  
COM O MEU RESPEITO E A MINHA SAUDADE!**

**Tribute to Maria do Amparo Tavares Maleval with my respect  
and my longing!**

Prof. Dra. Lênia Márcia Mongelli  
Universidade de São Paulo / USP/DLCV  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0239-2058>  
E-mail: [lmongelli@gmail.com](mailto:lmongelli@gmail.com)

Recebido em: 10/06/2020

**Resumo:** Homenagem à Professora Maria do Amparo Maleval, com ênfase na sua relação com a ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) e no seu importante papel acadêmico, como docente e pesquisadora.

**Palavras-chave:** Homenagem, Maria do Amparo Maleval, importância acadêmica.

**Abstract:** Tribute to the Professor Maria do Amparo Maleval, focusing mainly in her relationship with ABREM (Brazilian Association of Medieval Studies) and in her important academic role, as teacher and researcher.

**Keywords:** Tribute, Maria do Amparo Maleval, academic role.

Tenho aqui em mãos as *Atas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais*, publicação conjunta da USP, UNICAMP e UNESP-Araraquara, referente ao memorável evento inaugural realizado de 4 a 6 de julho de 1995, na USP. Abro a página da “Apresentação”, e lá está, quase como uma imagem diante dos meus olhos: “A ideia do **I Encontro** nasceu na *I Jornada de Estudos Medievais*, realizada em 27 de maio de 1994, no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP)”. Ali emergia, já com muito vigor desde o início, a ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, que tantos e tão significativos frutos tem nos dado desde então.

Remonto, emocionada, a 1994... Aquela reunião pioneira foi, na verdade, resultado efetivo de muitas e muitas conversas anteriores, algumas bem divertidas, travadas principalmente entre quatro pessoas – amigas de uma vida inteira: Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira, Maria Helena Martins Ribeiro da Cunha e eu, unidas pelo mesmíssimo entusiasmo com as possibilidades que ali se desenhavam e com as promessas acadêmicas que dali poderiam advir. Se a homenageada principal é, aqui, a Maria do Amparo, não posso deixar de enfatizar o nome da Maria Helena, outra perda dolorosa e igualmente recente: mais velha, conhecida camonista de profissão, colocou toda a sua larga experiência ao nosso dispor e esteve sempre conosco nas primeiras horas – aquelas das várias tramitações burocráticas necessárias ao reconhecimento jurídico da Instituição. Inclusive, foi dela a sugestão de criar uma revista (hoje a *Signum*), ciente de que uma publicação coletiva melhor sedimentaria as intenções do grupo. Conforme ela mesma, aliás, comprovou, dirigindo por anos e anos a *Revista Camoniana*, única em seu gênero.

Na verdade, aqueles bate-papos deliciosos, versando quase sempre sobre a Idade Média e os Estudos Medievais, de que sempre fomos entusiastas, não eram feitos apenas de palavras jogadas ao vento; pelo contrário, concretizaram-se em alguns eventos que funcionaram, para nós, como os antecedentes do sonho maior, a ABREM. Por exemplo: no primeiro semestre de 1993, resolvi montar um curso de Pós-graduação na USP, em torno da lírica trovadoresca peninsular. Duas parceiras foram chamadas, com o auxílio da Fapesp e da própria USP, para compor o corpo docente: Yara, que estava então nos USA e veio especialmente para a ocasião; e Amparo, que se deslocou do Rio e ficou em São Paulo por uma semana. Resolvemos que cada uma trataria de um trovador: Amparo, de Martin Moxa; Yara, de Joam Soarez Coelho; e eu, de Pero da

Ponte. Tanto nos agradou o curso e a excelente receptividade dos alunos, que recolhemos o material e o publicamos em livro, *Vozes do Trovadorismo Galego-Português* (Cotia, SP: Íbis, 1995). Pela data, percebe-se que a ABREM, incentivada pelos numerosos colegas que abraçaram e auxiliaram a causa, estava mesmo em gestação!

Nesse estudo sobre Martin Moxa, qualquer leitor, que tenha acompanhado a produtividade acadêmica da Maria do Amparo pela vida afora, já pode constatar a coerência de suas linhas de pesquisa: “Clérigo-trovador (...), [Martin Moxa] destaca em seus versos o próprio domínio da cortesia e do *trobar*; como também a sua *mestria* na arte de (bem) dizer no púlpito. Daí que pretendemos refletir a respeito da confluência, em tal poesia, dos recursos advindos das duas artes – a de pregar e a de trovar – relevando o destaque dado à arte de amar por esse inveterado cantor do amor, mesmo nos poemas de cunho moralizante. Intentamos, pois, observar a transposição dos limites retóricos por Moxa, aliás também observável na abolição de fronteiras entre as cantigas amorosas e as satíricas por ele efetivada.” E ainda: “O trovador mostra-se, assim, possuidor dos requisitos indispensáveis ao pregador, tais sejam: o conhecimento competente e a autorização da Igreja (...), sem esquecer-se de um terceiro princípio, o da pureza de vida, uma vez que não se isenta do pecado da fornicação” (pp. 14 e 18, respectivamente). Atenta ao texto, Amparo gostava das “confluências”, dos interstícios, das zonas limítrofes entre, como aqui, “pregar e trovar”, “sátira e moralização” – tudo corretamente “planejado” segundo “a arte de (bem) dizer” - a Retórica. Foi perseguindo esta(s) linha(s) que ela examinou as hagiografias medievais, os milagres de São Tiago (compilados no *Liber Sancti Jacobi – Codex Calistinus*), a prosa doutrinária portuguesa do século XV, a historiografia de Fernão Lopes, o teatro vicentino, até desembocar nas várias “atualizações da Idade Média”, neste caso buscando os referidos desvãos entre o Medievo e a Modernidade – na literatura galega, na portuguesa, na brasileira. A propósito dessa incansável *peregrinatio*, como a Amparo gostava de dizer, é muito reconfortante, para a memória dela, ouvir o que escutei de um colega europeu acerca do *Poesia Medieval no Brasil* (2002): “Que maravilha foi conhecer a extraordinária poesia de Hilda Hilst, com a qual tive o primeiro contato através do livro da Maria do Amparo!”. O mesmo me disse outro, português, sobre o Onestaldo de Pennafort, autor tão desconhecido lá como aqui!

Tudo isto ainda parecia pouco para a natureza inquieta, curiosa, indagadora e persistente da minha amiga, alma de Pesquisador... O que dizer de sua faceta empreendedora, que manteve inalterada até quase o leito de morte? Voltemos de novo no tempo: quando ela era Vice-Diretora da ABREM (gestão de Hilário Franco Júnior como Diretor-Presidente), fez realizar na UERJ – *campus* Maracanã, o *III Encontro Internacional de Estudos Medievais*, de 7 a 9 de julho de 1999. Foram seis conferencistas convidados, nacionais e estrangeiros; sete apresentações de “relatos” – que trouxeram à baila a situação dos Estudos Medievais pelos quatro cantos do Brasil; e nada menos do que 66 comunicações – cujos autores vieram da Europa, da América Latina e do Brasil. Quem quer que já tenha organizado algum Evento dessa monta, sabe dos imensos problemas de logística que ele desencadeia, tirando o sono dos organizadores envolvidos, multiplicadas as correrias de última hora. Pois bem: não só Maria do Amparo deu conta do recado com muita eficácia, como ainda, com a mesma presteza, legou-nos o belo e volumoso livro das *Atas* (736 páginas), editado em maio de 2001. Isto significa que, para o próximo Encontro da ABREM, os textos apresentados no anterior já estavam devidamente publicados. Lembro-me que, naquela ocasião, só nos restou cumprimentá-la efusivamente pela eficiência!

E ainda nem falamos das publicações da Série “Estante Medieval”, com as quais ela deu outra dimensão às suas intensas atividades como idealizadora e professora do “Núcleo de Estudos Galegos” da Universidade Federal Fluminense. Observem-se os títulos já trazidos à luz, graças à atuação do NUEG:

*1 - As "Cantigas de Santa Maria" - Um estilo gótico na lírica ibérica medieval*

Bernardo Monteiro de Castro

*2 - As "Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade" e estudos dispersos*

Oskar Nobiling

Organizadora da edição: Yara Frateschi Vieira

*3 - Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval - Um estudo comparado do "Liber Sancti Jacobi" e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

*4 - Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI - O modelo de monarca nas obras de Martinho de Braga dedicadas ao rei suevo*

Leila Rodrigues da Silva

*5 - Fernão Lopes e a retórica medieval*

Maria do Amparo Tavares Maleval

*6 - "Cancioneiro D'el rei Dom Denis" e estudos diversos. Henry R. Lang*

Organizadoras da edição: Lênia Márcia Mongelli e Yara Frateschi Vieira

*7 - Amadis de Gaula: entre as fendas dos códigos da cavalaria e do amor cortês*

Leonila Maria Murinelly Lima

*8 - Os cavaleiros que fizeram as cantigas: aproximação às origens socioculturais da lírica galego-portuguesa*

José Antônio Souto Cabo

*9 - Contos e histórias de proveito e exemplo. Gonçalo Fernandes Trancoso*

Com introdução, estabelecimento de texto, glossário e notas de Fernando Ozorio Rodrigues

*10 - Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*

Edmar Checon de Freitas

Ela não só mediu estas publicações junto à Editora, como as acompanhou de muito perto – com incansáveis revisões, sugestões, diálogos com os autores e lançamentos festivos. Para sorte nossa, parece que os empreendimentos da “Estante Medieval” não se encerraram, porque a Amparo sempre teve a preciosa colaboração do Fernando Ozorio Rodrigues, fiel *colação* com quem dividiu responsabilidades. Mais do que isto, assim que ela se aposentou, ele tornou-se o competente Diretor do NUEG e ela, co-diretora.

Quem é Professor – e somos - sabe que uma das facetas mais compensatórias da árdua profissão é o contato com o aluno, é a sala da aula. É nela que podemos conversar sobre o que conhecemos, sobre nossas experiências intelectuais e, principalmente,

“ouvir” o que a moçada tem a dizer – diálogo que nos enriquece a todos, de ambos os lados, e que é, a meu ver, um dos sentidos profundos da docência. Quando esses garotos se formam, muitos deles tornam-se colegas-amigos, com quem temos o gosto (e até o orgulho) de continuar compartilhando ideias! Maria do Amparo foi, na acepção restrita e ampla do termo, “professora”: participou, orientou, concluiu 20 Iniciações Científicas, 4 monografias de Especialização, 22 dissertações de Mestrado, 10 teses de Doutorado e 7 supervisões de Pós-Doutorado. Ao falecer, estavam em andamento, sob seu comando, 3 teses de Doutorado e 3 projetos de Pós-Doutorado. Há poucos dias, em uma *live* que a homenageava, os participantes, por unanimidade, enalteceram a generosidade e a simpatia com que ela prestava esses serviços a quem os solicitasse ou deles precisasse. Qualidades difíceis de harmonizar com o necessário rigor científico – outra unanimidade reconhecida entre os pares.

O último livro da Maria do Amparo está praticamente no prelo; uma vista d’olhos em seu *Lattes* diz que ele foi atualizado em 26/10/2020; naquele artigo sobre Martin Moxa, a dedicatória tão eloquente, para a filha: “À Isadora, no futuro”. Sim, esse futuro, onde ela entusiasmamente plantou os olhos, chegou sem a sua presença física, incansável até o fim. Esta é a lacuna que havemos de carregar, porque o tempo não trará de volta a mulher forte que nos deixou para sempre.

Mas, por paradoxal que pudesse parecer, ela continua vivíssima conosco, por meio do exemplo – vimo-lo! - legado por sua vida e obra. Ou melhor, do *exemplum*, no mais elevado sentido medieval da palavra!